

Capistrano de Abreu

Em um dia chuvoso de agosto de 1927, partia da Travessa Honorina, na cidade do Rio de Janeiro um inusitado cortejo fúnebre. No dia 13 daquele mês falecera no porão da casa naquela travessa um dos mais renomados historiadores brasileiros de sua época, nome que até os dias atuais frequenta o currículo na formação de nossos historiadores, João Capistrano de Abreu.

Adjetivar o cortejo fúnebre do historiador que morreu no pequeno porão onde habitou por inusitado se deve não somente à simplicidade do cortejo, o qual contrastava com os eventos fúnebres grandiosos, repletos de discursos digno dos grandes homens da estatura intelectual de Capistrano, quanto também pela variedade dos participantes que compungidos com a morte do historiador seguiam o cortejo.

Desde deputados, senadores, ministros e ex-ministros tal como descreveram seus amigos literatos presentes à cerimônia, até moças e senhoras com quem Capistrano desenvolvia afetuosa relação² e também dois índios, Tuxinim e Borô registrados respectivamente como Luís e Vicente.

A simplicidade do cortejo e a variedade de seus participantes igualmente emocionados com a perda do amigo, interlocutor, crítico afiado e historiador Capistrano de Abreu era notória segundo o relato dos participantes. A pantomima da morte, entretanto, nos dá pistas de quem foi o historiador Capistrano de Abreu, e também de seu método de estudo da história do Brasil³.

Ao longo da sua vida, Capistrano entrou em contato com escritos de vários autores das mais diversas áreas das ciências de seu tempo. Desde cedo o jovem cearense de Maranguape, nascido em 1853, mostrou grande gosto pela leitura e facilidade de aprender línguas

¹ Professor Adjunto em caráter de dedicação exclusiva na UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

² Capistrano casou-se em 1881 com Maria José de Castro Fonseca, com quem teve cinco filhos. Porém, dez anos mais tarde Maria José faleceu. Após a viuvez, não se teve notícia que Capistrano se envolvesse em qualquer relação amorosa. Entretanto, desenvolvia afetuosa relação com um grande número de mulheres. Acerca da boa relação de Capistrano de Abreu com o universo feminino ver: BATISTA, 2006.

³ Sobre a morte do historiador e as manifestações dos amigos e admiradores acerca do evento ver: GONTIJO, 2013.

estrangeiras. Teve, assim, desde muito cedo contato com diversas obras originais num momento em que a maioria dos intelectuais brasileiros apenas se tinha notícias das obras europeias a partir da leitura de revistas francesas como a *Revue de Deux Mondes* que desde a década de quarenta era lida em Fortaleza pela intelectualidade local. (OLIVEIRA, 2002)

Com sua grande erudição, evidentemente Capistrano fez algumas opções teórico-metodológicas ao longo de sua existência como historiador brasileiro. Algumas dessas opções podem ser vistas como traços de permanência nos escritos do autor, enquanto outros foram abandonados e mesmo duramente criticados na sua maturidade.⁴

Um dos pontos que pode ser tomado como uma constante na obra do historiador era sua intenção de escrever o que chamava de uma história íntima do Brasil. Desde muito jovem, talvez sob o impacto da leitura de Taine⁵ e Buckle⁶, Capistrano buscava construir uma história que de algum modo traçasse o caráter psicológico do brasileiro.

“O Brasil precisa de duas histórias. Uma – **história íntima** – deve mostrar como aos poucos se foi formando a população, devassando o interior, ligando entre si as diferentes partes do território, fundando indústrias, adquirindo hábitos, adaptando-se ao meio e constituindo por fim a nação. **Esta história deve escrevê-la um brasileiro, e só daqui a quarenta anos será possível, quando estiverem reunidos os documentos, e as monografias tiverem esclarecido pontos ainda obscuros**” (ABREU, 1976: 157) (g.n.).

Talvez devido a seu perfeccionismo ou mesmo devido à sua maneira caótica de produzir a grande obra sobre a história do Brasil desde o seu descobrimento e, abarcando 400 anos de história que o jovem Capistrano ambicionava produzir não se concretizou dessa forma. Seus trabalhos se dispersaram em uma série de frentes como traduções comentadas,

⁴ Sobre permanências e abandonos ao longo do trabalho de Capistrano ver: (SOUSA, 2012).

⁵ Hippolyte Adolphe Taine (1828 -1893) foi um historiador francês cujo principal trabalho denominou-se *Histoire de La Littérature Anglaise* de 1864. Na obra, Taine procurava a partir de certos signos encontrados na arte e literatura inglesa decifra o caráter daquele povo com base em três princípios a raça, o meio e o momento. Ver: (TAINÉ. 1866).

⁶ Henry Thomas Buckle (1821 -1962) em um pequeno livro afirmava ser a ciência e arte seriam complementares. A primeira valendo-se do método indutivo e a segunda do método dedutivo. Para o historiador inglês o universo feminino era de grande importância no progresso da ciência, pois a mulher usaria preferencialmente o método dedutivo como forma de pensamento. Em sua argumentação acerca da complementação necessária entre ciência e arte, afirmava que Goethe teria feito descobertas na área da botânica e anatomia, " não apesar de ser poeta, mas porque era poeta"(BUCKLE, 1864: 37).



prefácios, capítulos, críticas, além de seu primoroso "Capítulos de História Colonial (1500 - 1800)" tido pelo autor como com "ares de tapera" frente ao que ambicionara fazer anos antes, também sua tese com a qual ingressou como professor no Colégio Imperial Pedro II "O descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI", além de trabalhos ligados à etnografia, mais especificamente as línguas indígenas.

Apesar de Capistrano ter sido reconhecido como um historiador a quem tanto se devem a crítica e a metodologia históricas do Brasil, seus pares contemporâneos não escondiam a frustração de que a grande obra do talentoso historiador não tivesse, enfim, chegado a contento. Em seu necrológio no IHGB - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro era comum, após os elogios ao renomado historiador lamentar que tivesse gastado seu tempo no estudo das línguas indígenas ao invés de dedicar-se à feitura de sua grande obra. Rodolfo Teófilo era um dos que não escondia sua decepção frente aos estudos linguísticos de Capistrano de Abreu, "Seu precioso tempo, cultura e mentalidade vai gastando no estudo da língua dos índios 'caxiuvas' [sic]; melhor fora que o fizesse em obra de maior utilidade e relevância" (TEÓFILO. in: VIANA, 1999: LXXIV).

Contudo, embora no Brasil os estudos linguísticos de Capistrano fossem pouco valorizados, linguistas de além-mar, especialmente americanistas tomavam os trabalhos linguísticos de Capistrano como de fundamental importância para o conhecimento dos nativos das Américas. Theodor Koch-Grunberg, não economizava elogios ao trabalho de Capistrano sobre a língua dos índios Caxinauás, "Obra de alto valor científico, quase sem paralelo na linguística e etnografia sul-americanas. O maior e melhor material que jamais se publicou sobre língua sul-americana de índios".(KOCH-GRUNBERG.in: ABREU, 1941: 633).

O valor dos estudos etnográficos de Capistrano de Abreu vão além de sua qualidade no que se refere ao método adotado por linguistas. Capistrano tinha a intenção nada velada de produzir documentação acerca daquela parcela da população brasileira que a seu ver teria sido fundamental na formação do caráter brasileiro e, entretanto, era esquecida pela historiografia. Maria da Glória Oliveira em sua dissertação de mestrado percebe o quanto os estudos das línguas indígenas estavam inseridos na proposta de escrita da história do Brasil de Capistrano de Abreu.

"A prática etnográfica de Capistrano apontava assim, para a necessidade da produção documental onde faltavam os monumentos escritos. Por conseguinte, a etnografia e a linguística legitimava-se como ferramentas "auxiliares" no estabelecimento desses "documentos" e, tal como as



demais ciências humanas no século XIX, tinham seus saberes validados e circunscritos por suas referências históricas" (OLIVEIRA, 2006).

Conforme mencionado, desde muito cedo Capistrano de Abreu pretendia escrever do Brasil sua história íntima. Procurava entender o que no início de suas publicações denominava o "caráter do brasileiro". Em verdade essa era uma questão que se colocava para a sua geração e para aquela que lhe antecedeu. Após a independência de Portugal em 1822 a nova nação dos trópicos buscava uma interpretação histórica que fosse diferente daquela que até então se construía, ou seja, um apêndice da história portuguesa.

A própria fundação do IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano de 1838 e o concurso lançado em 1840 pelo cônego Januário da Cunha Barbosa que premiava o que melhor elaborasse um plano de como se escrever a história do Brasil. O vencedor de tal concurso foi o bávaro Karl Friedrich Philipp von Martius que teve seu trabalho intitulado "Como se deve escrever a história do Brasil" publicado na revista do IHGB no ano de 1845 e premiado em 1847 (GUIMARÃES, 1995).

A proposta de Martius era que a história do Brasil fosse calcada no encontro das três raças humanas, o africano, o português e o indígena, colocadas lado a lado pelas mãos da providência de maneira até então desconhecida na história. Em 1854/55, um dos membros do IHGB, Francisco Adolfo Varnhagen levou a cabo a missão, escrevendo os dois volumes da "História Geral do Brasil". Embora Varnhagen se irritasse com a afirmação de que seus dois volumes seguiam a cartilha do bávaro premiado, em geral sua obra procurava desvendar o caráter do brasileiro a partir do encontro das três mencionados grupos étnicos.

Capistrano que escreveu o necrológio de Varnhagen quando da sua morte em 1878, tinha um misto de admiração e críticas ao autor que o antecedeu. Quanto à forma como Varnhagen lia e interpretava a documentação com a qual teve contato na Biblioteca de Évora e na Torre do Tombo, foram frequentes as críticas do historiador cearense, também o método e algumas subtrações dos arquivos eram alvos de alfinetadas de Capistrano ao falecido antecessor. Talvez, no entanto sua principal crítica ao historiador da geração que o antecedeu fosse o que identificava como uma má vontade para com a população indígena.

Na verdade, muitos pensadores da época viam os indígenas como uma população em processo de decadência e rota de desaparecimento. Autores como Silvio Romero acreditavam que os nativos pré cabralinos desapareceriam naturalmente ao entrarem em contato com



civilizações que lhes eram superiores e que não deixariam marcas em nossa história (ABREU, 1976:10).

Romero e Capistrano chegaram ao embate pela imprensa. O primeiro defendia que o índio desapareceria sem deixar marcas na história devido ao seu baixo grau evolutivo, ao passo que Capistrano considerava o índio como amálgama da sociedade brasileira e como elemento nativo, fundamental para a adaptação tanto do português quanto do negro.

Embora naquele momento da década de setenta, Capistrano calcasse suas observações em preceitos ligados ao cientificismo característico da época mobilizando assim Comte, Spencer, Taine, Buckle em sua argumentação, foi na maturidade em contato com autores como Ratzel e Eduard Meyer que o historiador desenvolveu de forma mais elaborada seus estudos acerca dos indígenas de forma a produzir documentação histórica acerca dessa parcela da população.

Em carta ao seu amigo historiador João Lúcio de Azevedo, Capistrano afirmava,

“Para mim seu predileto Ranke é mero *flatus vocis*; mas sei que seria incapaz de beber no cano quando há fonte. Depois de Ranke alguns historiadores, como Edw. [sic.] Meyer, vão adiante e procuram do meio da geologia da lama reconstituir os minerais dissolvidos, mas o princípio é o mesmo. [...] Explicar o jesuitismo pela espionagem é desconhecer a natureza humana. *Quis custodiet ipsos custodes?*⁷ O homem não é mineral que cresce de fora para dentro” (RODRIGUES, 1977, v.2:51)

Eduard Meyer

Eduard Meyer nasceu em Hamburgo, na Alemanha no ano de 1855, cursou a universidade em Bonn e Leipzig. Destacou-se em sua geração por seu método no estudo da história antiga. Foi um grande conhecedor do mundo antigo, greco-romano e oriental. Estudou lendas e culturas das grandes civilizações do Mediterrâneo e do Oriente.

Entre 1885 e 1909 foi professor em Breslau, Halle, Berlim e Harvard. Além disso, colecionava títulos honoríficos de Oxford, St. Andrews, Freiburg e Chicago. Seu trabalho mais conhecido era o mencionado *Geschichte des Auerthums*, que teve inúmeras reedições.

Provavelmente devido ao fato de trabalhar com civilizações antigas, Meyer desenvolveu um método de pesquisa que, como Capistrano afirmou no trecho destacado ia

⁷ Frase em latim do romano Juvenal, traduzida como “quem vigia os vigias?”, “quem fiscaliza os fiscais?” ou similares.



além daquele proposto por Ranke. Era necessário, no estudo de povos tão distantes ater-se não somente às fontes escritas ou à documentação, mas ampliar o quadro das fontes com as quais pretendia investigar o passado e produzir assim uma história interpretativa de um tempo o qual já não existe.

No estudo das civilizações antigas fazia-se necessário a análise de objetos, instrumentos e vestígios do passado, além dos estudos linguísticos, cultos e enfim, tudo que permitisse ao historiador interpretar o passado.

Segundo o método proposto pelo historiador alemão, as línguas não somente davam ao historiador material para compreender aspectos da população que a utilizava como instrumento de comunicação, como dava pistas dos processos migratórios pelos quais tal população se formara e das trilhas percorridas até que chegassem àquele estado de desenvolvimento (MEYER, 1912: 1-2).

Meyer, entretanto procurava fugir dos diferentes tipos de determinismos que se faziam tão presentes em sua época. Pensar a história como regida por leis fixas e imutáveis era para ele um despropósito. Assim, fazer uma análise histórica em que não figurasse as escolhas individuais e o acaso como vetores capazes de interferir no rumo dos acontecimentos parecia-lhe presunção dos diferentes tipos de determinismos, fosse o racial, o climático ou a interpretação histórica tão somente a partir da luta de classes (MEYER, 1955: 12).

"O postulado com o qual constantemente o historiador tem que se deparar e, segundo o qual toda a história tem que trazer à luz estritamente as leis que regem os acontecimentos e considerá-los como sujeitos a uma 'concatenação ininterrupta de causa e efeito' entra em choque contra o emprego do livre arbítrio e do acaso como fatores históricos" (MEYER, 1955: 12).

Com base em uma perspectiva histórica que percebia a humanidade como única, Meyer procurava, por meio da antropologia e dos estudos linguísticos promover uma interpretação histórica que tomava por legítima toda a forma de organização social humane. Em outras palavras, o autor percebia o gênio humano como criativo e capaz de engendrar em cada povo formas de sociabilidades a partir das necessidades locais. Logo, modelos familiares, como famílias monogâmicas, poligâmicas, poliândricas não eram utilizadas como critério para escalonar grupos sociais como mais ou menos desenvolvidos. Da mesma forma todo tipo de culto deveria ser estudado de maneira a melhor compreender a concepção de mundo de cada sociedade, sem que o culto cristão fosse colocado de antemão como padrão de ideal religioso.



O Estado era, na concepção de Meyer, fundamental na organização de todo grupo humano. Porém, sua visão acerca dos diferentes Estados era bastante ampliada. Esse não se restringia apenas ao modelo advindo de uma derivação direta da *patria potestas* encontrada na Roma antiga. Dessa forma era legitimado todos os diferentes tipos de organizações sociais, implicando assim numa visão do Estado bem menos contaminada pelo eurocentrismo tão comum aos homens de ciência do Velho Mundo em sua época.

“Toda instituição é, portanto, viável por ser o direito em vigor e promover o efeito de manter o vínculo da coletividade. Isto é, o Estado vem dar garantia à obediência sem recusa. Em outros termos, toda instituição desta espécie pressupõe a existência do grupamento político qualquer que seja a organização que se imponha o nome de necessidade vital, determinada a partir do comércio dos sexos e da situação jurídica dos filhos” (MEYER, 1955: 12).

Talvez a melhor definição do método de Meyer tenha sido feita por Capistrano de Abreu na citada carta ao historiador João Lúcio de Azevedo, a "geologia da lama" ou ainda nas palavras de Capistrano buscar "reconstruir os minerais dissolvidos nos restos do passado".

Bacaerís & Caxinauás

Os estudos etnográficos de Capistrano de Abreu concentraram-se basicamente nas línguas Bacaerí e Caxinauá. Sobre essa segunda língua foi produzido um trabalho bastante reconhecido por americanistas em várias partes do mundo. o *rã-txa hu-ni-ku~i, gramática, textos e vocabulário caxinauás*, Capistrano não se ateve somente a fazer um glossário de palavras da língua nativa, mas procurava acima de tudo penetrar nas lendas, costumes, credos, enfim na organização social dos indígenas de forma a produzir documentação histórica acerca dos silvícolas brasileiros.

O livro causou bastante estranhamento entre os literatos nacionais, visto que nele Capistrano descreve diversas lendas que lhes foram passadas por Tuxinim e Bôro sem recorrer à tradução livre, o que seria uma forma de adequar o conto indígena à nossa forma de contar. Em lugar disso o historiador optou por traduções interlineares, a qual segundo americanistas como Theodore Koch-Grünberg, o já citado diretor do Museu Etnográfico de Berlim. Dessa forma a estrutura original do texto nativo seria melhor preservada.

Em três artigos publicados no Jornal do Comércio entre 1911 e 1912 o historiador recorre, entretanto, à tradução livre, o que torna o texto mais acessível ao público não especializado. Nesses artigos, Capistrano descrevia histórias relativas a crenças, mitos e



histórias do cotidiano dos indígenas, como a história de Irikin, uma índia que tinha o hábito de roubar e que por isso foi punida com a morte por seus companheiros.

Por meio da história de Irikin, Capistrano chega à conclusão que para os índios Caxinauás a propriedade privada era algo reconhecido e que, se desrespeitada, tornava o infrator merecedor de punição.

Esse, dentre outros muitos exemplos mostram que Capistrano ambicionava bem mais do que desvendar palavras no idioma de nativos como fizeram outros homens de letras de seu tempo, mas continuava seu intento de produzir documentação para que se construísse a "história íntima" do Brasil e, o diálogo com Eduard Meyer e sua "geologia da lama" parecem ter contribuído no projeto do historiador.

Referências bibliográficas:

ABREU, J. Capistrano de. *rã-txa hu-ni-ku~i, gramática, textos e vocabulário caxinauás*. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet. 1941.

_____. *Ensaios e estudos: crítica e história, 4ª. série*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1976.

BATISTA, Paula Virgínia P. Capistrano de Abreu e a correspondência feminina, Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

BUCKLE. H. Thomas. *The influence of women on the progress of knowledge*. London: A. C. Fifield, 1864.

GONTIJO, Rebeca. O Velho Vaqueano: Capistrano de Abreu (1853 - 1927): memória, historiográfica e escrita de si, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

GUIMARÃES, Manoel L. S. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional", Estudos Históricos. 1988. no. 1/5.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da Imediata Proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. Rio de Janeiro, R.IHGB, 156 (388) 459-613, jul.set., 1995.



MEYER. E. El Historiador y la Historia Antigua - Estudios sobre la teoría de la historia y la Historia económica y política de la Antigüedad. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955, p. 12.

MEYER. E. *Histoire de l'Antiquité*. Tome I. Paris: Librairie Paul Geuthner, 1912.

RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Três volumes. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira/INL/MEC, 1977,

OLIVEIRA, A. Leal de. Universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, Simone & NEVES, F. de Castro, (orgs.). Fortaleza: história e cotidiano – intelectuais. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002.

OLIVEIRA, Maria da Glória. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853 – 1927)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Porto Alegre. 2006.

SOUZA, Ricardo Alexandre S. de. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós- Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em História. Rio de Janeiro. 2012.

TAINÉ. H., *Histoire de la littérature anglaise. Tome premiere*. Paris: Hachette, 1866.

TEÓFILO, Rodolfo. Apud. VIANA, Hélio. Ensaio Biobibliográfico. In: ABREU. J. Capistrano de . Temas Brasileiros – O descobrimento do Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1999.